

TRAVESSIAS PERCORRIDAS: O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA

TRAVEL TRAVELS: THE TEACHING BUILDING PROCESS

CRUCES CUBIERTO: EL PROCESO DE CONSTRUCCIÓN DE LA ENSEÑANZA

Rafaela Guimarães¹

Resumo: Este texto tem como proposta apresentar como ocorreu a construção da docência sobre a ótica da história de vida, fatos e relatos sobre o itinerário para a formação docente. O objetivo constitui-se em apresentar como se deu a construção da docência mediante ao relato de história de vida da pesquisadora. Como aspectos metodológicos caracteriza-se como um estudo (auto) biográfico baseado na história de vida, verificando as condições objetivas, experiências vividas e a maneira como são narradas pela própria autora. Compreendo que narrar a nossa história é possibilitar uma reinvenção do modo de como me apresento no mundo, incorporando aquilo que foi vivido e apresentar o passando se fazendo no presente. Desse modo, intencionei através das minhas narrativas criar uma reflexão sobre aquilo que vivenciamos e experienciamos ao longo do nosso itinerário formativo, como algo extremamente relevante para compreendermos como se dá a nossa constituição como pessoa e profissional.

Palavras-chave: Docência. História de Vida. Memórias.

Abstract: This text proposes to present how the construction of teaching took place from the perspective of the history of life, facts and reports on the itinerary for teacher education. The objective is to present how the construction of teaching took place by reporting the researcher's life story. As methodological aspects, it is characterized as a (self) biographical study based on life history, verifying the objective conditions, lived experiences and the way they are narrated by the author herself. I understand that narrating our story is enabling a reinvention of the way I present myself in the world, incorporating what was experienced and presenting the passing of things in the present. Thus, through my narratives, I intended to create a reflection on what we experience and experience along our training itinerary, as something extremely relevant for us to understand how our constitution as a person and professional takes place.

Keywords: Teaching. Life's history. Memoirs.

Resumen: Este texto propone presentar cómo se produjo la construcción de la enseñanza desde la perspectiva de la historia de la vida, hechos e informes sobre el itinerario de la formación del profesorado. El objetivo es presentar cómo se llevó a cabo la construcción de la enseñanza a partir del relato de la historia de vida del investigador. Como aspectos metodológicos, se caracteriza por ser un estudio (auto) biográfico basado en la historia de vida, verificando las condiciones objetivas, las experiencias vividas y la forma en que son narradas por la propia autora. Entiendo que narrar nuestra historia es posibilitar una reinvencción de la forma en que me presento en el mundo, incorporando lo vivido y presentando el pasar de las cosas en el presente. Así, a través de mis narrativas pretendía generar una reflexión sobre lo que vivimos y vivimos a lo largo de nuestro itinerario formativo, como

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Especialista em Educação Infantil e Pedagoga pela Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC e Brinquedista. E-mail: rafiusk80@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0581-9712>.

algo sumamente relevante para que entendamos cómo se desarrolla nuestra constitución como persona y profesional.

Palabras-clave: Docencia. Historia de Vida. Memorias.

Iniciando a história

O texto que segue visa apresentar as narrativas da própria autora como processo de revisitar suas histórias de vida rumo à construção do seu lugar de docência. Entendo que a vida se configura através de caminhos que temos que ir percorrendo, arquivando em nossa memória os fatos que nela ocorre. As histórias vivenciadas produzem relevância na nossa formação, evidenciando reflexões futuras e questionamentos da nossa atuação.

Ao escrevermos sobre a nossa própria história de vida, passamos a ter consciência do que fomos, somos e nos tornamos, podendo ser um importante caminho para o nosso desenvolvimento pessoal e também profissional. É um processo de tomada de consciência de si mesmo, encarando de frente os fatos ocorridos e vivenciados ao longo da sua trajetória. A utilização das narrativas de si nos coloca frente ao nosso processo de formação e aprendizagens.

O presente artigo constitui-se como objetivo apresentar como se deu a construção da docência mediante ao relato de história de vida da pesquisadora. Como aspectos metodológicos caracteriza-se como um estudo (auto) biográfico baseado na história de vida, verificando as condições objetivas, experiências vividas e a maneira como são narradas pela própria autora.

A formação docente não se dá, tão pouco se resume a sua entrada na academia, a contextos teóricos, a cursos realizados ou a processos mentais (processamento de informações) que ocorre durante a sua estadia na universidade. Compreendo que tudo que foi citado é importante, mas vai para, além disso, tendo a interferência dos saberes que são elaborados durante a sua prática profissional, assim como da sua trajetória de vida que envolve o pessoal, social, comunitário e cultural.

Daí, entramos nas narrativas de vida um caminho propício de investigação de como se constitui os itinerários dos professores, a fim de investigar a sua formação enquanto docentes. Essa perspectiva que tem sinalizado para os pesquisadores e os interessando na temática da educação, a importância de resgatar e incorporar o pessoal, aos processos de formação do professor. Conforme Josso (2004, p. 58):

[...] os acontecimentos, as explorações e as atividades permitem ao viajante não apenas localizar-se no espaço-tempo do aqui agora, mas, ainda, compreender o que o orientou, fazer o inventário da sua bagagem, recordar os seus sonhos, contar as cicatrizes dos incidentes de percurso, descrever as suas atitudes interiores e os seus comportamentos. Em outras palavras, ir ao encontro de si visa à descoberta e a compreensão de que a viagem e viajante são apenas um.

As narrativas de si, nos leva a caminhos muitas vezes desconhecidos, pois os acontecimentos ocorridos são arquivados em nossas gavetas cerebrais, vindo a tona mediante ao processamento de reconstruções, a partir das memórias afetivas boas ou ruins. Todas as nossas vivências e experiências, quando emergem da nossa memória através das narrativas, são consideradas como significativas, auxiliando na nossa formação. Ainda para Josso (2004), tomar intimidade e reconhecermos-nos como sujeitos, mais ou menos ativos ou passivos, segundo as circunstâncias que nos forma, permite criarmos uma base de auto-orientação possível, articulando nossas heranças e experiências formadoras.

Desse modo, compreendo que narrar a nossa história possibilita uma reinvenção do modo de como me apresento no mundo, incorporando aquilo que foi vivido, apresentando o passado e se fazendo no presente. Desse modo, intencionei através das narrativas criamos uma reflexão sobre aquilo que vivenciamos e experienciamos ao longo do nosso itinerário formativo, se apresentando como algo extremamente relevante para compreendermos como se dá a nossa constituição como pessoa e profissional.

3

O encontro com os fios: minha vida

Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear. Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor da luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte [...] Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer [...].
("A Moça Tecelã", Marina Colasanti, 2000).

A Moça Tecelã nos convida a uma reflexão sobre a nossa vida. Nem tudo adquire as cores e os formatos que desejamos, mas são experiências que precisam ser vivenciadas para o nosso crescimento pessoal e profissional. Pensar, projetar e materializar não fica só nas

histórias ou contos, também somos capazes de tecer os fios da nossa existência. Os bordados que vamos alinhavando ao longo da nossa trajetória nos faz perceber o que nos tornamos.

Desde a infância vamos tecendo fios finos, frágeis e coloridos que se emaranham num bailado recheado de felicidade e vivacidade. As brincadeiras, as ruas e as relações estabelecidas com os pares, os objetos e o mundo, trazem leveza e alegrias para nossa vida. Claro que estamos falando de uma infância saudável.

À medida que crescemos os fios vão adquirindo outras fibras, outras tonalidades, vão se tornando mais fortes, mais densos. Desse modo, precisamos atribuir cores e texturas para construir os nossos caminhos. Na maturidade, os fios estão solidificados pelo que nos tornamos, às vezes partem e arrebentam, mas vamos remendando e reconstruindo os emaranhados de nós, construídos a partir de outros nós. Na velhice, apreciamos os fios que foram tecidos ao longo da nossa trajetória trazendo cores tênues e quase imperceptíveis, mas muito significativas, onde podemos chamar dos nossos fios da vida.

O que ficam são as memórias de uma existência recheada de atributos, desafios, quereres, desejos e muitos sonhos, às vezes realizados, às vezes abandonados. Assim, seguimos e a vida vai se fazendo num tecer constante.

Na tecitura dos fios da minha vida tive uma longa trajetória que me fez ser a pessoa que sou hoje. Fruto de tantas outras pessoas e de muitas relações estabelecidas. Como diria Gonzaguinha² (1982):

Há muito tempo que eu saí de casa
Há muito tempo que eu caí na estrada
Há muito tempo que eu estou na vida
Foi assim que eu quis, e assim eu sou feliz.

Principalmente por poder voltar
A todos os lugares onde já cheguei
Pois lá deixei um prato de comida
Um abraço amigo, um canto prá dormir e sonhar.

E aprendi que se depende sempre, de tanta, muita, diferente gente
Toda pessoa sempre é as marcas
Das lições diárias de outras tantas pessoas
E é tão bonito quando a gente entende
Que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá
E é tão bonito quando a gente sente
Que nunca está sozinho por mais que pense estar

É tão bonito quando a gente pisa firme

² Música: Caminhos do Coração de 1982.

Nessas linhas que estão nas palmas de nossas mãos
É tão bonito quando a gente vai à vida
Nos caminhos onde bate, bem mais forte o coração.

Somos as composições de tantas outras pessoas. Desde a nossa inserção no mundo vamos estabelecendo relações diárias, com pessoas, objetos, na comunidade, sociedade e cultura que fazemos parte. Essa interação nos proporciona marcas impressas na nossa construção identitária, pois como diz Gonzaguinha, “que se depende sempre, de tanta, muita, diferente gente, toda pessoa sempre é as marcas, das lições diárias de outras tantas pessoas”. E assim, seguimos em direção a nos encontrar e a nos formar enquanto sujeitos sociais.

Minha infância foi muito bem vivida pelas ruas de Salvador-Bahia. De uma família com muitos irmãos, lembro-me de ter brincado de todas as brincadeiras possíveis e impossíveis. Sem a interferência da tecnologia como hoje vivenciamos; precisávamos criar, imaginar e construir todo um enredo brincante. Tenho memórias afetivas arquivadas da minha infância, que hoje me faz crer na necessidade de favorecer e oportunizar que as crianças brinquem.

Na fase adulta, a entrada no curso de Pedagogia foi decisiva para minha formação profissional. Estagiar em uma Brinquedoteca, um lugar lindo, poético, cheio de cores e que trazia uma nova forma de educação foi algo singular. Educar a partir das brincadeiras, das artes, das músicas, das histórias, das cantigas populares... Um lugar que eu me (re) construí como ser humano e profissional. Um lugar para todos, que cabia os mundos particulares de cada um. O brincar e a ludicidade foi desenhando a minha trajetória pessoal e profissional.

Sou responsável pela formação pedagógica dos educadores e facilitadores sociais dos CRAS do município de Amargosa-BA, assim como sou responsável por grupos de mulheres e idosas dos CRAS, onde realizo um trabalho de alfabetização e criação de vínculo através da arte e de atividades potencialmente lúdicas. Fui Formadora Estadual do Pacto Nacional para Idade Certa-PNAIC para Educação Infantil, onde trouxe para meus formadores municipais a perspectiva de um processo de alfabetização lúdica desde a educação infantil, tendo o brincar como eixo norteador.

Em toda a minha trajetória pessoal e profissional, a ludicidade de alguma forma esteve presente. Nas brincadeiras da infância, através da formação na brinquedoteca, nos projetos pessoais que idealizei ou na minha vida profissional, a ludicidade foi se afirmando e me fazendo compreender a sua importância para formação humana. Diante disso, entendo que uma educação lúdica, não é exclusiva para uma determinada fase humana, não importa a

idade, a condição social, econômica ou cognitiva, deve estar presente para potencializar as aprendizagens, trazendo uma nova perspectiva de ensinar e aprender, onde os sentidos e os significados estejam presentes.

Por fim, “Já disse de nós. Já disse de mim. Já disse do mundo. Já disse agora, eu que já disse nunca. Todo mundo sabe, eu já disse muito. Tenho a impressão que já disse tudo. E tudo foi tão de repente [...]” (LEMINSKI, 2013, p. 326). A vida é tão breve que não nos damos conta da nossa trajetória que nos constrói pessoas. Somos as nossas vivências e experiências que marca de maneira definitiva a nossa história. Desta maneira, por tudo que narrei sobre a minha vida, hoje sou uma profissional que estou sempre me (re) fazendo, aprendendo e construindo novas impressões sobre o que é educar.

Desta maneira, pela minha trajetória de vida, me senti atraída em traçar meu itinerário enquanto pesquisadora sobre ludicidade e formação lúdica para professores. Compreendo que a ludicidade não foi um termo cunhado para a educação, no entanto, hoje ela adentra os espaços e ambientes das instituições de ensino como uma maneira da educação ser realizada com significados para quem ensina e para quem aprende.

Fios e laços: construções professor e docência

6

Ninguém caminha sem aprender a caminhar,
sem aprender a fazer o caminho caminhando,
refazendo e retocando o sonho pelo
qual se pôs a caminhar
(Paulo Freire, 2005, p. 35).

Essa frase de Freire representa muito a constituição da minha trajetória como docente, pois aprendi a ser professora na prática. Na verdade, inicialmente me formei como Brinquedista e literalmente meu sonho foi sendo retocado. O caminho se tornou outro, mas com igual entusiasmo. Sou natural de Salvador e passei no vestibular para Pedagogia na Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC. Escolhi o curso, mediante o cartaz informativo, onde dizia que a Pedagogia era responsável em estudar a ciência da educação. Nunca tinha imaginado em ser professora, pois na minha concepção, não levava jeito com criança e não sabia ensinar, tinha medo em não saber passar os conteúdos ou não saber me comportar como uma professora.

Ao longo dos semestres cursados fui me familiarizando com a universidade e as disciplinas começaram a fazer sentido. Até então, só tinha contato com a parte teórica do

curso. As discussões eram voltadas a uma educação ideal, como ela deveria ser. Em alguns momentos percebia certo romantismo, e tinha a utopia de que quando eu adentrasse aquele espaço educativo, iria mudar tudo e “salvar” as crianças/alunos daqueles professores, que na minha concepção de estudante, não estavam sabendo fazer o seu trabalho.

A partir do terceiro semestre por uma questão financeira necessitava urgente conseguir um trabalho para que pudesse me manter estudando, pois morava em outra cidade e os custos não eram poucos, sendo que nunca recebi nenhuma bolsa de estudo ou auxílio da universidade, mesmo sendo pública.

Fui então fazer uma entrevista em um lugar, que até então nunca havia conhecido, uma Brinquedoteca. No meu pensamento, associando a palavra, imaginei ser um local que vendia brinquedos. Chegando para entrevista, que durou 4h, percebi que não era nada do que havia pensado ou sonhando. Era um ambiente sem igual, todo colorido, com muitos brinquedos, sala de leitura, camarim, sala de jogos, jardim. Um ambiente dos sonhos e educacional. Não uma educação escolar, mas potencializando a educação do sujeito na sua integralidade. Consegui entrar nessa instituição como estagiária e lá permaneci durante 5 anos.

Ser Pedagoga agora tinha se tornado algo real, concreto, vivia na prática a educação. Os conteúdos das disciplinas passaram a fazer sentido, pois tinha descoberto a educação lúdica. Nesse período não me considerava professora, e sim Pedagoga/Brinquedista, as crianças não eram alunos, mas brincantes.

Trabalhava com um público de crianças de 18 meses a 12 anos de idade. Em poucos meses, passei a assumir as oficinas lúdicas de arte, música, literatura, matemática, estudo da vida e os projetos desenvolvidos na brinquedoteca. As oficinas lúdicas, como eram denominadas, tinham como objetivo potencializar as aprendizagens das crianças a partir das vivências e experiências, a partir de conteúdos escolares e do mundo social.

Para minha formação foi algo muito singular, pois percebi que as aprendizagens acontecem quando estamos envolvidos de maneira plena. Comecei a representar a instituição em eventos acadêmicos, a participar de eventos nas praças e nas escolas, contando histórias, fazendo apresentações teatrais, organizando rodas de conversas com adultos e crianças e disseminando as atividades realizadas na instituição na universidade. Esse período que permaneci na brinquedoteca foi singular para minha trajetória lúdico-formativa.

Os estágios obrigatórios do curso representaram momentos de muitos desafios, e também de muita realização, pois a realidade das escolas públicas era totalmente diferente de uma brinquedoteca. Utilizava a experiência da brinquedoteca no planejamento das aulas para

“meus alunos”. Organizava o plano de aula e os projetos que tinham que ser desenvolvidos nos estágios para que tivesse elementos, artefatos e concepções lúdicas. Esse período foi de muito sofrimento e sentimento de incapacidade, pois como todo estudante, queria mudar aquela realidade, que aparentemente para mim se apresentava fácil. No meu pensamento era “só as pessoas quererem”. Quase nunca conseguia, mas seguia fazendo a minha parte. Lembro-me de muitos sentimentos de indignação e raiva por ver e presenciar tanto descaso e apatia dos profissionais da educação das instituições que eu estagiava.

Com a maturidade descobri que não era bem assim e que tudo era muito mais complexo, não bastava só querer, era preciso ter possibilidades e instrumentalizar os profissionais para que eles pudessem ampliar a visão sobre as situações vividas. No período da Especialização em Educação Infantil, também realizada na UESC, decidi trazer a brinquedoteca como objeto de estudo, investigando o desenvolvimento infantil através da brinquedoteca. Com o passar dos anos, revisitando aquele período na minha memória, percebo que era mais cômodo para mim pesquisa aquilo que acreditava e legitimava como uma instituição que dava certo.

Concluí meus estudos na universidade e queria colocar em prática tudo o que eu tinha aprendido. Como havia finalizado a especialização, não me sentia mais confortável em continuar morando em Itabuna, pois estava lá para estudar. Além do mais, queria retornar para Salvador, então pedi demissão da brinquedoteca e fui mais uma vez romantizar a educação em outros espaços/ambientes. Achando que dessa vez iria dar certo e como uma Pedagoga/Brinquedista iria conseguir logo um emprego e numa escola que só existia nos meus sonhos.

Retornei para Salvador, fui trabalhar como professora de educação infantil numa instituição particular muito tradicional, embora no primeiro momento foi apresentada para mim com uma proposta diferenciada. Permaneci apenas seis meses e pedi demissão. Sentia-me sufocada! Outro sentimento que até então nunca tinha experimentado era a desvalorização e precarização profissional. Baixo salário, privação de materiais e recursos, jornada de trabalho excessiva, mesmo sendo contratada por um turno, tinha que ficar para organizar mural e material para os alunos. Não suportei, pois não tinha investido tempo, sonhos, dinheiro e perspectivas na minha formação para me submeter aquilo que não acreditava.

Fui morar no município de Amargosa-Bahia, onde trabalhei como professora ensinando Geografia e logo após, implantei um projeto de brinquedoteca escolar numa escola particular da cidade, embora com uma educação nos moldes tradicionais, a escola aceitou o

projeto. Desenvolvi durante seis anos a função de brinquedista escolar. Cada turma possuía horário para desfrutar livremente do espaço e realizar oficinas de arte dentro do ambiente. Realizava também um trabalho lúdico-pedagógico com os alunos que apresentavam algumas dificuldades de aprendizagem ou com necessidades educacionais especiais.

Concomitante ao trabalho na escola implantei uma casa de brincar, que se chamava Alecrim, sendo a primeira do Vale do Jiquiriçá. Percebia que o projeto Alecrim, era algo que precisava ser conhecido e adotado em outras localidades. Desse modo, comecei a desenvolver um projeto de Formação Lúdica e Patrimonial para professores da Educação Básica, onde tinha como proposta receber grupos de professores de outros municípios para que eles pudessem conhecer a Casa de Brincar Alecrim, fazer uma imersão patrimonial pela cidade de Amargosa e posteriormente participar da formação prática e teórica.

Fui professora universitária de uma faculdade particular no município de Milagres-Bahia e depois ingressei como docente substituta durante 1 ano do curso de Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade do Recôncavo da Bahia, Amargosa.

Percebo que: “isso de querer ser exatamente aquilo que a gente é ainda vai nos levar além” (LEMINSKI, 1987, p. 82). Sendo assim, querer ser uma professora que tivesse algo diferente, me levou além do que imaginei, e gostei do resultado. Minha trajetória formativa rumo à docência me fez caminhar por percursos diversos, me (trans) formando no que sou hoje. “Ambígua volta em torno da ambígua ida, quantas ambiguidades se pode cometer na vida? Quem parte leva um jeito de quem traz a alma torta. Quem bate mais na porta? Quem parte ou quem torna?” (LEMINSKI, 1987, p. 33). Tornei-me parte de tantas outras pessoas, de tantos outros caminhos, lugares, paisagens, experiências, vivências, acolhimentos, dificuldades, ausências, práticas, teorias...

Enfim, meu contato com elementos, recursos e artefatos lúdicos, com jogos, brinquedos, artes visuais, contação de história, música, poesia, cultura popular, entre outros movimentos, me auxiliou de maneira singular na formação da minha docência, dos meus saberes e da minha sensibilidade.

Desta forma, compreendo que ser docente é uma construção plural que requer de nós, um movimento, às vezes calmo, às vezes intenso. É um descortinar o tempo todo. A profissão docente se faz de maneira complexa, não só na formação inicial, mas na formação continuada, que é uma teia de significados e significantes que vai nos preparando para exercer a nossa função de ensinar, mas também de aprender.

Nesse caminho, os saberes exercem um valor de real significados, pois sejam eles científicos, populares ou acadêmicos, não nos eximimos de colocá-los em prática. A docência requer uma pluralidade de saberes que nos auxilie na constituição da nossa profissão. A baixo podemos verificar isso através da imagem produzida para concretizar o que relatamos ao longo da seção.

Figura 01- Contribuição na formação dos sujeitos.



Fonte: Elaboração própria.

O quadro demonstra que os sujeitos são compostos por interferências sociais, comunitárias, educacionais, culturais, entre outras. Não nos constituímos como pessoas numa posição solitária, mas em parceria com outras tantas relações construídas ao longo do nosso itinerário de vida.

Vidas Cruzadas

Como se fora
Brincadeira de roda
Memória
Jogo do trabalho
Na dança das mãos
Macias
O suor dos corpos
Na canção da vida
História
O suor da vida
No calor de irmãos
Magia.
(Gonzaguinha, 1981)

Brincar de roda nos proporciona relações, trocas, saberes, coletividade e alegria. Ninguém consegue entrar numa brincadeira e permanecer sério, sem se envolver, à medida que giramos, vamos emergindo na ação lúdica. Assim, me utilizo da canção de Gonzaguinha para trazer à tona minhas memórias sobre a minha vida pessoal e minha docência, me redescobrimo.

Entendo que a minha relação com a ludicidade foi sendo construída a partir da minha infância. Embora seja natural de Salvador, minha fase infantil foi brindada com muitas brincadeiras e poucos brinquedos, sentia falta deles, mas aceitava que meus pais não tinham dinheiro para comprar. Lembro-me de cada brincadeira, das brincadeiras cantadas, das histórias de assombração, de cada peraltice, das molecagens, das brigas, disputas e de muitos amigos. Eu e minhas três irmãs aprontávamos muito. Tínhamos a responsabilidade pela manhã de ir à escola e no início da tarde realizar as tarefas escolares, para só depois brincar, brincar e brincar!

No tempo da minha infância, viver era apenas absorver o mundo através das brincadeiras, das ruas, das invenções e do tempo presente. As duas coisas mais importantes se resumiam a escola e aos momentos das brincadeiras. Os dias eram curtos demais para ir à escola, realizar as atividades e projetar as mais variadas brincadeiras. Essa construção do que somos na infância, reflete em todas as fases da vida humana. Brinquei até meus 12 anos mais ou menos, sempre nas ruas, com brincadeiras de roda, com músicas populares, jogos tradicionais também. Lembro-me de brincar de macaquinho (depois de adulta conheci que em outros lugares era amarelinha), garrafão, três, três passará, capitão, brincadeira de melancia, fita, elástico...

Enfim, escreveria linhas e linhas das brincadeiras da minha infância, pois me recordo de cada uma, dos fatos ocorridos, dos lugares e tempos em que cada uma se passou. Na

adolescência não me recordo de nada que trouxesse tanto prazer e alegria, pelo contrário encontrei muita dureza na vida³. É como se aquele período me imunizasse para os outros todos, até a fase adulta. Conforme Ferreira (2015a), as narrativas da nossa história de vida permitem uma reflexão sobre como as nossas experiências e aprendizagens vão dando sentido a nossa formação. Hoje entendo que a minha infância, as brincadeiras, as relações, as trocas e a maneira como vivenciei tudo foi auxiliando na minha trajetória de vida.

Trabalhar em uma brinquedoteca despertou em mim processos lúdicos. Outro espaço marcante na minha formação foi uma brinquedoteca hospitalar que ajudei a implantar, desde a elaboração do projeto até a sua implementação. Fui voluntária na Brinquedoteca do Hospital Manoel Novaes da Santa Casa de Misericórdia de Itabuna durante 2 anos. Todas as manhãs de sábado estar naquele lugar era me reconstruir como ser humano. Conviver com tanta dor, sofrimento e perdas era muito difícil para mim, mas nunca deixei de ir um só dia. Entendia que a única, mas talvez a coisa mais importante que podia fazer por aquelas crianças, mães, pais e jovens era oferecer uma companhia para brincar, contar uma história, armar um lego ou apenas contemplar com um sorriso a brincadeira deles.

Já morando em Amargosa-Bahia, decidi abrir a Casa de Brincar Alecrim. Este espaço/ambiente me ajudou a ampliar a percepção da ludicidade como essencial na formação integral dos sujeitos, saindo do foco das crianças. A Casa de Brincar Alecrim era um espaço permeado de manifestações lúdicas que oportunizava as crianças da cidade de Amargosa acesso a um ambiente de brincadeiras, jogos, artefatos lúdicos, relações sociais, aprendizagens, criatividade, autonomia, construção do conhecimento, artes visuais, música e imersão na cultura popular. O espaço esteve em funcionamento durante 3 anos.

Atualmente desenvolvo um projeto vinculado a Prefeitura Municipal de Amargosa-Bahia chamado “A Casa da Mãe”, onde o objetivo é o atendimento psicológico-pedagógico a mulheres, mães e filhos em situação de vulnerabilidade, assim como orientação pedagógica e atendimento as crianças com Deficiência e Necessidades Educativas Especiais. Os atendimentos realizados com crianças e seus respectivos cuidadores são pautados em atividades potencialmente lúdico-pedagógicas.

As trocas, os saberes, as relações estabelecidas, vão nos auxiliando a nos construir como sujeitos sociais. Como diz Leminski (1987, p 52):

³ Foi um período financeiramente muito difícil, muitas privações e a morte do meu pai aos meus 16 anos.
Revista de Estudos em Educação e Diversidade. v. 2, n. 6, p. 1-15, out./dez. 2021.
Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/reed>
ISSN: 2675-6889

[...] quem dera eu achasse um jeito de fazer tudo perfeito, feito a coisa fosse o projeto e tudo já nascesse satisfeito. Quem dera eu visse o outro lado, o lado de lá, lado meio, onde o triângulo é quadrado e o torto parece direito. Quem dera um ângulo reto. Já começo a ficar cheio de não saber quando eu falto, de ser, mim, indireto sujeito.

Vamos entre encontros e desencontros, erros e acertos, nos fazendo e refazendo sujeitos da nossa própria história. Encerro essa narrativa sobre minha infância e os espaços profissionais que fui me construindo como brinquedista, compreendendo que, às vezes, não possuímos controle sobre o que nos acontece, e a vida vai nos levando a viver coisas não pensadas, nos auxiliando a compor nossa história.

Assim, as identidades pessoais e profissionais se interconectam e se tornam mais visíveis nas trajetórias percorridas. Foi dessa maneira que fui (re)conhecendo a minha. A identidade profissional é esse constructo de muitos papéis sociais que vai nos moldando profissionais e colaborando na nossa formação (FERREIRA, 2014, 2015b, 2019, 2020; FERREIRA; FERRAZ, 2014; BEZERRA, 2020; MOREIRA, 2020; FERREIRA; GUERRA, 2020; FERREIRA; FERRAZ, 2021).

Considerações Finais

13

Buscando apresentar a minha trajetória formativa na construção da docência, a metodologia das Histórias de Vida se mostrou um importante instrumentos de investigação sobre meus processos formativos. Essa metodologia me permitiu compreender que os processos vivenciados por mim, auxiliou na construção sobre a percepção de que a profissional que sou hoje foi a reverberação da minha história de vida traçada ao longo da minha existência.

De modo geral, essa abordagem autobiográfica permite considerar as inter-relações entre os processos de formação, as experiências pessoais e o ambiente sociocultural, que acabam conferindo aos sujeitos da pesquisa maior autonomia em relação à sua própria formação.

Quando narramos a nossa própria trajetória de vida, inevitavelmente percorremos um processo de desvelamento sobre aquilo que faz parte da nossa história, ao mesmo tempo em que passamos a adquirir maior consciência sobre os processos de construção do conhecimento. A compreensão sobre as nossas próprias experiências tem fundamentação relevante sobre os caminhos que nos ocasionam na transformação ou na reelaboração do que

somos e das nossas identidades construídas, nos encaminhando para uma forma mais e consciente e autônoma.

Desse modo, ao narrar e escrever sobre mim, me fez pensar numa pergunta muito importante: como me tornei a profissional que hoje eu sou? Atualmente tenho essa resposta, revisitando as minhas memórias desde a infância, perpassando pela adolescência e fase adulta, auxiliando a responder essa pergunta tão significativa sobre minha constituição da docência. Somos a composição do mundo que nos cerca, dos objetos, dos nossos pares, das pessoas que passam pela nossa vida, da cultura que estamos imersos e da comunidade que fazemos parte.

Por fim, intencionei através das minhas narrativas criar uma reflexão sobre aquilo que vivenciamos e experienciamos ao longo do nosso itinerário formativo, possui grande relevância para compreendemos como se dá a nossa constituição como pessoa e profissional. Desta forma, entendo que o percurso formativo para cada professor é único, possuindo elementos subjetivos, vivenciados nas suas andanças como sujeito social, adquirindo relevância na sua autobiografia impressa no seu processo constitutivo de ser humano/docente.

Referências

BEZERRA, P. O. A constituição da identidade profissional e dos saberes docente: territórios da experiência. **Revista De Estudos em Educação e Diversidade**, v. 1, n. 2, p. 432-445, 2020. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/reed/article/view/7902>. Acesso em: 23 jan. 2021.

COLASANTI, M. **Doze reis e a moça no labirinto do vento**. 09. ed. São Paulo: Global, 2000.

FERREIRA, L. G. Os Ateliês Biográficos de Projeto e os processos formativos de professores: diálogos, (auto) biografia e ludicidade. **APRENDER - Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**, Vitória da Conquista, Ano IX, n. 15, p. 99-110, 2015a. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/download/2458/2027/>. Acesso em: 13 jul. 2020.

FERREIRA, L. G. Histórias de aprendiz: memórias, narrativas e formação docente. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 10, n. 4, 2015b. p. 1234-1249. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/6217>. Acesso em: 02 fev. 2021.

FERREIRA, L. G. Formação e identidade docente: práticas e políticas de formação. In: FERREIRA, L. G.; FERRAZ, R. de C. S. N. (Org.). **Formação docente: identidade, diversidade e saberes**. Curitiba: CRV, 2014. p. 167-179.

FERREIRA, L. G.; FERRAZ, R. de C. S. N. (Org.). **Formação docente: identidade, diversidade e saberes**. Curitiba: CRV, 2014.

FERREIRA, L. G. Mandalas Pedagógicas no processo ensino-aprendizagem: saberes e sabores na formação docente. **Práxis Educacional**, v. 15, n. 35, p. 61-76, p. 61-76, 2019. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/5660>. Acesso em: 11 ago. 2020.

FERREIRA, L. G. Formação de professores e ludicidade: reflexões contemporâneas num contexto de mudanças. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade**, v. 1, n. 2, p. 410-431. 2020. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/reed/article/view/7901>. Acesso em: 13 jan. 2021.

FERREIRA, L. G.; FERRAZ, R. D. Por trás das lentes: o estágio como campo de formação e construção da identidade profissional docente. **Revista Hipótese**. v. 7, n. único. p. 301-320. 2021. Disponível em: encurtador.com.br/beDU1. Acesso: 20 set. 2021.

FERREIRA, Á. de C.; GUERRA, A. A construção da identidade docente de licenciados em Física e Matemática: relatos sobre o processo formativo. **Revista De Estudos em Educação e Diversidade**, v. 1, n. 2, p. 83-96, 2020. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/reed/article/view/7455>. Acesso em: 23 jan. 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo, Cortez, 2004.

LEMINSKI, P. **Distraídos venceremos**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

_____. **Toda poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

MOREIRA, J. da S. Implicações do estágio supervisionado na constituição da identidade profissional: relato de experiência. **Revista De Estudos em Educação e Diversidade**, v. 1, n. 2, p. 375-391, 2020. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/reed/article/view/7681>. Acesso em: 23 jan. 2021.

REDESCOBRIR. Gonzaguinha. São Paulo: EMI-Odeon, 1981. CD.

Recebido em: 30 de setembro de 2021.

Aprovado em: 18 de dezembro de 2021.